

UM OLHAR DA PSICOLOGIA FENOMENOLÓGICO-EXISTENCIAL SOBRE RELAÇÕES AMOROSAS NAS REDES SOCIAIS

A VIEW OF EXISTENTIAL-PHENOMENOLOGICAL PSYCHOLOGY ABOUT LOVING RELATIONSHIPS ON SOCIAL NETWORKING

Anabelli Gasparin Jaboiski ¹

João Pedro Clivati ²

Juliana Albertina Klein ³

JABOISKI, A. G.; CLIVATI, J. P.; KLEIN, J. A. Um olhar da psicologia fenomenológica-existencial sobre relações amorosas nas redes sociais. **Akrópolis**, Umuarama, v. 30, n. 2, p. 164-192, jul./dez. 2022.

Recebido em: 19/09/2022

Aceito em: 17/10/2022

DOI: 10.25110/akropolis.v30i2.7705

Resumo: Atualmente, as formas de se relacionar vão além do mero contato face a face. O indivíduo contemporâneo, apresenta um estilo de vida acelerado e busca existir em um mundo virtual que lhe proporciona conexão a qualquer hora e lugar. Espaço e tempo não são mais limites para a comunicação, as relações têm se constituído a partir de aplicativos, causando uma transformação no modo de ser visto pelo outro. Este trabalho busca proporcionar uma reflexão sobre essas transformações e como afetam as relações do sujeito contemporâneo, a partir de um olhar fenomenológico-existencial para o projeto de ser. A partir de uma revisão bibliográfica, contextualiza-se o surgimento das redes sociais e o indivíduo atual, e como ambos se relacionam ao produzir uma nova possível forma de se relacionar amorosamente.

Palavras-chave: Redes sociais; Autenticidade; Relações; Existencialismo

Abstract: Presently, the ways of interrelate go beyond a simple contact face to face. The contemporaneous individual, with a accelerated lifestyle, seek to exist in a virtual world that provides its connection anytime and anywhere. Where space and time are not limits to communicate, relations have grown out of apps, technological networks, causing a transformation in the human being's way to be seen. This article seeks to elucidate these transformations and how they affect the contemporaneous subject's relations through an existential-phenomenological view of the original project. Through a literature review, we contextualized the outbreak of social networking and the current subject, and how both relate when producing a new possible way of interrelate amorously.

Keywords: Social networking; Authenticity; Relations; Existentialism

¹ Acadêmica em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR).

E-mail: anabelligasparin@gmail.com

² Acadêmico em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: jclivati@hotmail.com

³ Docente em Psicologia pela Universidade Paranaense (UNIPAR). E-mail: julianaklein@prof.unipar.br

INTRODUÇÃO

O sujeito contemporâneo depara-se com novas e modernas formas de se relacionar e se comunicar, o que resulta em novas formas de ser. Através do uso das ferramentas conhecidas como redes sociais, deixamos de conviver apenas em um espaço físico para fazê-lo também – se não de forma mais frequente – nas redes tecnológicas. Este trabalho busca compreender como esse indivíduo contemporâneo tem seu projeto de ser afetado pelas novas formas de relacionamento e, em especial, como as relações são mediadas pelas redes sociais, construídas, muitas vezes, em um paradigma frio, individualista e permeado por inúmeras contradições.

A internet e suas ilimitadas possibilidades de comunicação abriram um amplo leque de sites informativos, de busca e também de relacionamento. Há o surgimento constante de novos aplicativos, recursos e tecnologias que se tornam parte do cotidiano das pessoas, cujas presenças podem ser notadas na vida pessoal, acadêmica e profissional, aparecendo, principalmente como meio intermediário de conexão e relacionamento com o mundo e com os outros. Segundo Zahdi (2015) é por volta de 1970 que surgem sistemas simples de trocas de mensagens, mas por serem os precursores de sua época, podem ser consideradas revolucionárias. Em 1995 surgem redes mais próximas às existentes hoje, entre elas o Classmates – criada para contatar colegas de escola, trabalho ou de serviço militar e que permitia troca de músicas, filmes e anuários escolares – e o Sixdegrees – voltada para a listagem de amigos, familiares e conhecidos, permitindo troca de mensagens e publicações nos murais de amigos, o que a faz ser semelhante às redes atuais. Ambas tinham como objetivo proporcionar a reaproximação de pessoas conhecidas, possibilitando a manutenção ou reestruturação do contato entre elas. Houve grande adesão da população a esses espaços virtuais, o que impulsionou o surgimento de novas ferramentas, que agora expandiram-se para além do espaço pessoal e atingiram áreas diversas da vida cotidiana, como a profissional. (ZAHDI, 2015)

É importante diferenciar dois importantes conceitos sobre o tema, já que o significado adotado ao longo do trabalho restringe-se a um deles. As redes sociais dão ênfase à interação social, permitindo um contato direto entre os usuários e, conseqüentemente, favorece uma maior intimidade entre eles. Já mídia social é um gênero, que comporta a espécie rede social, de tecnologias da comunicação que engloba um contexto amplo de atuação, funcionando de forma descentralizada. (FERREIRA, 2011). Logo uma mídia social que conta com dispositivos que permitem uma interação

social pode ser também uma rede social, tendo um foco maior em um ou outro. Segundo Ferreira(2011, p. 213):

rede social é uma estrutura social composta por indivíduos, organizações, associações, empresas ou outras entidades sociais, designadas por atores, que estão conectadas por um ou vários tipos de relações que podem ser de amizade, familiares, comerciais, sexuais, etc.

Contudo, as relações que se desenvolvem na estrutura das redes sociais independem de tecnologia para existirem, mas sua existência é alterada quando ocorrem dentro da malha virtual (FERREIRA, 2011).

O termo “rede social” adquiriu significado sinônimo ao espaço tecnológico que ocupa e as diversas ferramentas ligadas ao seu uso, e, portanto, durante este trabalho, será empregado nesse sentido, além de ser dado destaque às redes sociais que propiciam as interações relacionais por meio das quais o homem contemporâneo tem transformado sua maneira de conviver e construir seu self. Para isso a metodologia adotada foi a de pesquisa bibliográfica, definida como sendo feita

a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de *websites*. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. (FONSECA⁴ *apud* GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 37)

Para a pesquisa foram utilizados artigos sobre as redes sociais, além de artigos e livros que tratam sobre o sujeito pós-moderno e suas relações. O objetivo principal é compreender o sujeito contemporâneo complexo, influenciado pelas redes sociais, e suas relações amorosas através de uma visão fenomenológico-existencial, voltada para o projeto de ser e sua constituição subjetiva em contato com o mundo virtual e o que este lhe proporciona, discussão que não se esgota nas reflexões apresentadas. Nesse sentido, o trabalho justifica-se pela necessidade de ampliar a compreensão das relações afetivas e como a autenticidade pode ser influenciada pelas mudanças advindas de uma nova forma de vida, permeada pelas redes sociais. O homem inserido no processo de constituição de seu ser depara-se, cada vez mais, com uma dinâmica de relação fundamentada em redes sociais, já que essas estão muito presentes no cotidiano. Nesse contexto, o sujeito pós-moderno vê-se ilimitado quanto ao tempo e ao espaço (PORTELA, 2008), porém, com o risco de desenvolvimento de dependência pelo

⁴ FONSECA, J. J. S. Metodologia da pesquisa científica. Fortaleza: UEC, 2002.

excessivo centramento delas em todas as áreas de sua vida. Dessa forma e pela crescente expansão das relações virtuais na vida contemporânea, busca-se gerar uma reflexão acerca das novas formas de relacionamento amoroso, a partir da influência das redes sociais na vida do homem pós-moderno.

FENOMENOLOGIA E EXISTENCIALISMO: CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS

O existencialismo e a fenomenologia são processos distintos, porém não excludentes. A fenomenologia existencial teve início no século XIX e seus principais pensadores são Edmund Husserl, Martin Heidegger e Jean-Paul Sartre. Husserl (1859-1938) é considerado o principal agente responsável pela difusão da fenomenologia, já que foi o fundador deste método de investigação. A metodologia fenomenológica defende que os objetos de estudo devem ser vistos por eles mesmos, ou seja, não há nada além do que eles aparentam ser (PERDIGÃO, 1995), conceito que também se aplica à consciência humana. Segundo Dreyfus e Wrathall:

A fenomenologia começou como um movimento claramente discernível com a exigência de Edmund Husserl (1859-1938) de que a filosofia assumisse como sua principal tarefa primordial a descrição das estruturas da experiência como se apresentam à consciência. Pretendia-se que essa descrição fosse realizada com base naquilo que “as próprias coisas” requeressem, sem assumir ou adotar as suposições, estruturas teóricas ou os vocabulários desenvolvidos nos estudos de outros domínios (como o da natureza). (DREYFUS & WRATHALL, 2017, p. 16)

Como elucidado no livro *Fenomenologia e Existencialismo* (2012), para Husserl a consciência humana é sempre constituída por uma intencionalidade regente, ou seja, é através da intencionalidade que os processos mentais se dirigem a um objeto. O sujeito social, detentor da intencionalidade, necessita de uma intersubjetividade, já que é necessário um outro ser – que pertence ao mundo exterior – para que ele seja captado. Logo, a percepção não é um processo individual, mas que demanda algo que não seja além do próprio sujeito para intencionar. Tendo como característica ser descritiva e não explicativa, a fenomenologia sustenta-se no método de redução fenomenológica, no qual as crenças e concepções do observador são suspensas a fim de captar o fenômeno sem a interferência de situações particulares deste, o que poderia invalidar sua compreensão sobre o objeto (DREYFUS & WRATHALL, 2012). O fenômeno é o que aparenta ser. Sartre afirma que:

se nos desvencilharmos do que Nietzsche chamava de “a ilusão dos trás-mundos” e não acreditarmos mais no ser-detrás da aparição, esta se tornará, ao contrário, plena positividade, e sua essência um “aparecer” que já não se opõe ao ser, mas, ao contrário, é sua medida. Porque o ser de um existente é exatamente o que o existente *aparenta*.” (SARTRE, 2016, p. 16)

Compreende-se assim que, com bases fenomenológicas, o existencialismo é uma filosofia que tem como fundamento teórico autores como Pascal (que nega o racionalismo humano), Kierkegaard (considerado o pai do Existencialismo), Dostoiévski e Nietzsche. Segundo Wrathal e Dreyfus (2012), tais pensadores deram base para o existencialismo do século XX, que apresenta sua expressão maior em Heidegger (apesar dele negar o título de existencialista), Sartre, Merleau-Ponty e Beauvoir. Os existencialistas caracterizam-se como antiessencialistas ou antideterministas – negando que o ser humano possua características determinadas e essenciais –, consideram o homem como fenômeno único, além de prezam pela liberdade do ser humano e pela sua autorresponsabilização a fim de alcançar uma forma de viver autêntica (WRATHAL E DREYFUS, 2012). O presente trabalho foi fundamentado com ênfase ao existencialismo sartreano e seus conceitos, já que eles se relacionam com a temática explorada de forma mais ampla.

Sartre (2014), ao expor em uma conferência que o homem é angústia, retoma o fato de que “a existência precede a essência” (p. 21). Não há essência prévia ao existir do ser humano, já que ela é construída posteriormente, na liberdade de relacionar-se com o outro através da intersubjetividade. Além disso, afirma ainda que o homem é condenado a ser livre, pois ao se lidar com suas escolhas, o homem depara-se, necessariamente, com a angústia, o que ocorre quando o ser percebe-se como único responsável por suas ações. Mas, é ao se perceber desamparado, não podendo responsabilizar outros por suas próprias ações, que o sujeito toma consciência de sua própria angústia, o que possibilita uma forma de viver autêntica.

O Ser é uma das grandes questões estudadas pela fenomenologia e pelo existencialismo. Segundo Perdigão (1995), Sartre busca compreender o Ser de uma forma objetiva e concreta em suas manifestações no cotidiano. Sartre² (apud PERDIGÃO, 1995) descarta a ideia de Aristóteles e Kant de que “O Ser é uma substância oculta por trás das coisas que nos aparecem” (p.36), desqualificando a capacidade do ser humano de conhecer as coisas verdadeiramente. Além disso, o autor compreende o Ser como Ser-Em-Si e Ser-Para-Si (SARTRE, 2015). Perdigão (1995) explana que o Ser-Em-Si engloba o mundo dos objetos, do corpo humano e de tudo que é incapaz de pensar ou exprimir juízo sobre as coisas. É um ser fechado *em si*,

independente e findado, incapaz de intencionar ou de ter consciência sobre si e sobre o mundo. Já o Ser-Para-Si designa um Ser dotado de consciência, a qual faz o mundo aparecer ao Ser. Ou seja, o Ser depende dela para constatar o mundo e ser capaz de ser consciente (PERDIGÃO, 1995). Conforme o autor citado, “é a consciência que traz interrogações ao mundo e coloca os porquês” (PERDIGÃO, 1995, p. 39). Assim, é a partir desta consciência – que Sartre nomeia de *para-si* – que o ser humano pode intencionar o mundo, vindo a construir seus projetos através dela. Entretanto o Para-Si é acompanhado de uma conexão com o Em-Si, pois este nos habita e nos faz presentes com um corpo no mundo objetivo (PERDIGÃO, 1995). Ao mesmo tempo que o ser tem uma consciência que se afasta do mundo para contemplá-lo, continua presente nele a partir de um corpo que o mantém atrelado a uma matéria. Acompanhado de uma temporalidade, como Heidegger (1927) ressalta em *Ser e Tempo*, que é o sentido da realidade humana, o Para-Si realiza um movimento de permanência e mudança, uma dualidade que confere um modo de existir e um sentido ao Para-Si.

Logo – afirma Sartre – a temporalidade necessita tanto da *permanência dos instantes* (pois eles devem permanecer o que são, distintos uns dos outros e perfeitamente individualizados) quanto da *mudança de um fluir continuado* (pois os instantes devem estar ligados em uma síntese comum, em uma dependência mútua) (PERDIGÃO, 1995, p. 69)

Dessa forma, passado, presente e futuro relacionam-se intrinsecamente, dependendo de si para ser o que são e não ser o que serão (PERDIGÃO, 1995). Segundo o autor, há uma facticidade – um Em-Si que determina um momento e foge da possibilidade de mudança – nos momentos do passado que dão sentido ao presente e que, logo em seguida, transformam-se em passado, e, dessa forma, dão espaço para o lançar o Para-Si ao futuro. Traz ainda que o Para-Si, acompanhado da permanência do passado (de um Em-Si que se arrasta atrás dele) tem seu caráter de fluidez e de mudança ameaçado por uma petrificação e transformação em um Ser fechado Em-Si, recorrendo ao presente em uma tentativa de fuga. O autor supracitado aponta que “é continuamente que a consciência nadifica o seu Ser passado. Tudo ocorre como se fugíssemos do passado para não sermos coisificados e para conservarmos a nossa consciência como tal” (p. 74). Da mesma forma, afirma ainda que há um futuro para o qual o ser se lança, um mundo de possibilidades que ainda não é, mas que pode vir a ser. Nesse contexto, não sendo ainda o que sou, o Para-Si apresenta uma falta, que não sendo Em-Si se mostra incompleto. O futuro dá sentido ao meu presente e a esse lançar-se na ambição de totalização do Para-Si (PERDIGÃO, 1995).

É importante também compreender a questão do nada, apresentada por Sartre (2015) e descrita por Perdigão (1995) como uma negatividade, o nada não é, como o Ser é. A consciência, não sendo coisa entre as coisas, não estando no mundo mas frente a ele, é separada do mundo por um nada. Todavia, o ser humano tende a buscar uma totalização do Para-Si, o que o leva ao conceito de projeto, o qual define-se como sendo a transcendência, ou seja o ultrapassar a si mesmo em direção ao que não se é (PERDIGÃO, 1995). É a partir de um futuro que realizo as minhas escolhas no presente. Para Perdigão (1995) “sem o futuro não seríamos sequer capazes de um passo orientado, esboçar o mais leve gesto coordenado” (p. 82), já que havendo uma falta e uma possibilidade de vir a ser – uma constante totalização-em-curso – realizo projetos para alcançar minha completude. Escolhas, ambições e planos, são projetos que movimentam o ser humano em busca de um algo a mais. É a partir desses projetos que o ser humano constitui-se, que dá sentido ao seu presente e que faz nascer a possibilidade para um transcender. Contudo, muitas vezes, quando eles são alcançados, tornam-se ou se deparam com a facticidade, dando espaço a novos projetos, continuando a busca incessante pelo preencher-se (PERDIGÃO, 1995).

Todos os seres humanos são condenados a serem livres e obrigados a realizar escolhas durante toda sua existência, até o momento de sua morte, e este movimento é angustiante (SARTRE, 2014). A má-fé sartreana pode ser considerada como um caminho de fuga do sentimento de angústia, e faz o indivíduo adentrar em um processo de inautenticidade (PERDIGÃO, 1995). Sartre (1987) constrói o conceito de má-fé para caracterizar o fenômeno aparente em que o indivíduo nega a responsabilidade pela sua liberdade ou a delega para outrem. Segundo o filósofo:

Estamos condenados a ser livres. Estamos sós, sem desculpas. É o que posso expressar dizendo que o homem está condenado a ser livre. Condenado, porque não se criou a si mesmo, e como, no entanto, é livre, uma vez que foi lançado no mundo, é responsável por tudo o que faz. (SARTRE, 1987, p. 7)

Sartre (1987) explica a situação de não-escolha do ser humano sobre estar no mundo e sobre a responsabilidade dele sobre todas as suas escolhas a partir disso. Segundo Perdigão (1995) “é a liberdade que lhe possibilita nadificar o Ser e temporaliza-se, fugindo do passado e lançando-se em projeto aos possíveis futuros” (p. 86). A liberdade não é algo a ser conquistado ou situacional, mas é a razão da existência do Para-Si que se concretiza nas escolhas. Ao falar de liberdade, fala-se também de facticidade, pois a consciência se situa no mundo, onde o Em-Si a compromete, sendo a

liberdade situada em um mundo concreto (PERDIGÃO, 1995). Sartre (2014), ao afirmar que a existência é anterior a essência, diz sobre o poder de escolha do ser humano no mundo, em que ele se constrói através de suas decisões, e nega a ideia que existe uma natureza humana. Nesse sentido, até a não-escolha configura-se como uma escolha, já que existiam outras possibilidades além da inércia. Sendo assim, o homem é então responsável por todas as suas ações, escolhas e projetos, pois, sendo livre, não tem amarras que o prendam às vontades de nenhum outro (SARTRE, 2014).

O homem é, inicialmente, um projeto que se vive enquanto sujeito, e não como um musgo, um fungo ou uma couve-flor; nada existe anteriormente a esse projeto; nada de inteligível sob o céu e o homem será, antes de mais nada, o que ele tiver projetado ser. Não o que vai querer ser. Pois o que entendemos ordinariamente por querer é uma decisão consciente que, para a maior parte de nós, é posterior ao que fizemos efetivamente de nós mesmos. [...] a primeira decorrência do existencialismo é colocar todo homem em posse daquilo que ele é, e fazer repousar sobre ele a responsabilidade total por sua existência (SARTRE, 2014. p. 26)

Ao lidar com a realidade humana, surge a figura do Outro, já que a consciência não existe sozinha, mas caracteriza-se por uma intersubjetividade que a constitui um mundo (PERDIGÃO, 1995). Reconheço o Outro como algo além de um corpo, um Em-Si, mas como um Para-Si em movimento, com intencionalidade e transcendência. Segundo Perdigão (1995) o ser humano é um Para-Si-Para-Outro, pois há uma predisposição ontológica do Ser em reconhecer a existência do Outro antes mesmo de entrar em contato com seu corpo, e esta é uma relação que existe antes do contato material. Dessa forma, “é na consciência que devemos buscar a existência do Outro, e não fora dela” (PERDIGÃO, 1995, p. 138). Há uma certeza originária de que o Outro é algo que eu não sou – uma outra consciência –, e que eu sou para ele um Outro também – visto e reconhecido por ele (PERDIGÃO, 1995). Logo, é a partir de um Outro, sendo eu um objeto de olhar dele, que me reconheço no mundo. É a partir dessa intersubjetividade que me vejo não sendo Outro, mas sendo o que sou. Sendo assim é a partir do outro que eu existo e me torno objeto (e não pura subjetividade), ao ter consciência de que sou visto pelo Outro (PERDIGÃO, 1995). Há, primeiramente, um existir com o Outro, que me olha e me valida como um Outro que não ele, que me atribui características e me objetiva. Posso ser então bonito, engraçado, bem sucedida, inteligente, fracassado, mal-humorado, etc., e somente sei disso através do Outro que me determina como tal. De acordo com Erthal e Veríssimo (2015) “no mundo da intersubjetividade é que descobro quem sou e o que são os outros” (p. 54).

Perdigão (1995) destaca que, ao ser objetificado pelo olhar do Outro, adquirei conhecimentos sobre mim, assim tudo o que sei sobre mim, passa pelo Outro. Este sendo nosso mediador sobre nós mesmos, se estiver sozinho no mundo, o homem não poderia aferir nada sobre si, o juízo do Outro é o que me apresenta ao meu ser objetivo. Sendo assim, o reconhecimento sobre meu caráter e meu modo de ser dependem de um outro olhar. Logo, o Outro faz-me capaz de ver o meu eu de uma forma que sozinho não seria capaz. O autor afirma que, ao me reconhecer como Para-Si de projetos, o Outro me vê como um Em-Si acabado e finito, objetifica-me ao mesmo tempo que me reconhece como consciência. O olhar do Outro me limita, petrifica, coisifica e atribui características Em-Si, e por isso detém o meu Ser objetificado, totalizado. O ideal Em-Si-Para-Si – totalização que não me tira a capacidade de ser consciência (PERDIGÃO, 1995) – é inatingível, pois dependo do Outro para ser objeto, o que impede que o meu Para-Si coincida com o meu Em-Si. Sendo assim “a multiplicidade das consciências (alteridade) representa o inacabamento da realidade humana: a minha totalização como Em-Si-Para-Si encontra-se à distância, inatingível, na subjetividade do Outro” (PERDIGÃO, 1995, p. 145). Como Sartre (1944) afirma “o inferno são os outros”, pois não posso me fazer como quero sem passar, primeiro, pelo crivo do olhar do Outro, ficando a mercê de seus juízos e tendo minha liberdade, sobre mim e o sobre o mundo, limitadas pela liberdade do Outro.

Relações afetivas, redes sociais e contemporaneidade

Buscar um amor, um companheiro(a) para a vida é o objetivo de vida de muitas pessoas, e situação que ocorre desde os primórdios da humanidade. Porém, com a contemporaneidade e com a expansão das tecnologias, esta busca passa a ser permeada pelas redes sociais. A alteração das formas de relacionamento para meios virtuais possibilita que o sujeito forje um personagem (um-ser-para-o-outro) de forma mais fácil por conta da virtualidade. Além disso, também amplia o crivo das características que o sujeito espera que o outro apresente, formando-se pré-requisitos que são buscados na pessoa, supostamente, ideal. Contudo, é válido ressaltar que a esfera da internet reproduz fenômenos que já aconteciam antes dela, porém de uma nova forma.

Karnal, em “O Dilema do Porco-espinho” (2018), relata a parábola de Schopenhauer (de mesmo nome) na qual defende que buscamos o outro por estarmos desamparados, como porcos-espinhos no frio e que buscam calor no outro, porém com a proximidade nos espetamos com os espinhos dele. Mas, ao nos afastarmos,

congelamos de frio. As redes sociais se apresentam como uma possível solução para os impasses gerados pela relação com o outro, já que permitem certo controle sobre a proximidade. Porém, ao mesmo tempo que a conectividade permite às pessoas aumentarem seus contatos virtuais, pode causar um afastamento do mundo real (KARNAL, 2018). Isso se confirma ao notar, no cotidiano contemporâneo, um número maior de pessoas dispersando atenção a aparelhos eletrônicos do que mantendo contato pessoal com outras pessoas, fenômeno que ocorre mesmo em lugares que deveriam propiciar socialização.

Como Portela (2008) elucida, temos um novo sujeito formatado na pós-modernidade, que caracteriza-se como sendo isolado e não-relacional. Este tem sua identidade fragmentada e instável, pois segue um ritmo acelerado de vida em que é bombardeado por estímulos de vários tipos, por vivenciar um ambiente global e local intimamente ligados. Deste modo, a subjetividade do indivíduo é construída a partir do mesmo movimento. Segundo o autor, nos deparamos com “Um sujeito imediatista e hedonista, cada vez mais globalizado e mais desmaterializado, tornando-se cada vez mais virtual, etéreo, a cada dia mais distante do outro concreto, da vida concreta, da relação face a face” (p.133)

O autor ainda afirma que não há a construção de uma identidade estável, pois o sujeito pós-moderno é líquido e desprovido da capacidade de se relacionar com o real, e conseqüentemente de se construir a partir disso. Dessa forma, o ser acaba por construir-se através de seu contato com recortes de informações, que logo se evanescem e têm seu lugar tomado por outros conteúdos, ou seja, o ser nunca se detém a uma só realidade. O ser humano, como ser gregário, sempre precisou do outro. Uma vez que existimos através dele e é dele que precisamos para termos um referencial de mundo e uma confirmação de nós mesmos, é a partir do encontro com o outro, da facticidade de um para-si-para-outro, que um ser define quem é (PERDIGÃO, 1995). Entretanto, na relação com o outro, há presença frequente de sentimentos como medo e angústia. Isso ocorre pois relacionar-se com um Outro implica em se deparar com uma outra liberdade que não a minha. Mesmo que o estudo da consciência aconteça de forma isolada, o para-si, ela não existe sozinha no mundo mas sim “cada homem existe no mundo com outros homens” (PERDIGÃO, 1995, p. 136). Sendo assim, existimos juntamente ao Outro e somente com ele eu me objetifico, torno-me algo além de pura subjetividade e sou definido.

Sem o Outro eu nada seria além de uma infinidade de possibilidades (ERTHAL

E VERÍSSIMO, 2015). Esse processo materializa-se nas relações, inclusive nas amorosas, quando o indivíduo busca completar-se através da escolha de estar com alguém que preenche sua falta. Há uma dualidade contraditória na relação com o outro, pois ao mesmo tempo que o Outro me define (gerando certa petrificação) e gera angústia em mim por isso, sua ausência me gera falta e incompletude (PERDIGÃO, 1995). A petrificação do ser no olhar do outro gera limitação e apreensão da liberdade. Dessa forma o Outro me completa, mas ao mesmo tempo me apreende. Perdigão (1995) afirma que o Para-Si-Em-Si que buscamos só é possível no olhar do Outro, pois, “o Outro, que me constitui como sujeito-objeto, possui aquilo que me falta para totalizar meu Ser” (p. 145), já que o meu Em-Si depende de outra consciência que não a minha. É a partir disso que Sartre (1944), na peça *Entre quatro paredes*, postula que o inferno são os outros. O Outro me completa mas assalta o meu ser, limitando-o e me alienando de minha transcendência. Para Perdigão (1995), é a alteridade de consciências que sustenta o inacabamento do Ser. Portanto o Meu Para-Si-Em-Si só é alcançado através do Outro.

Como já explicitado, as relações produzidas entre o eu e o outro são afetadas pelo novo meio pós-moderno, isso inclui as relações amorosas. Apesar de ser uma esfera virtual, o indivíduo tende a procurar ser aceito por outros, e, buscando preencher sua falta, pode recorrer a criação de um perfil nas redes sociais com certa modelagem de sua imagem. Normalmente esse perfil (que também pode ser considerado um personagem) tende a ser-para-outro, pois busca atender às expectativas que o sujeito acredita que o outro tenha sobre ele ou atender a um ideal de aceitação construído socialmente. Em diversos casos a pessoa busca satisfazer esse objetivo através de fotos editadas, postagens e mensagens pensadas intencionalmente antes de serem enviadas ou uma descrição biográfica forjada. O sujeito pode até satisfazer sua intenção de ser visto e aceito, porém é necessário ressaltar que é um processo sintético, que acontece em um virtual onde existem edições que na realidade face a face não existem. Neste processo de esculpir um perfil na rede, o sujeito pode procurar reafirmar a importância de sua existência, sua aceitação perante o outro (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015). Isso pode ser desencadeado por uma escolha de ser-para-outro.

O sujeito contemporâneo vive cercado, mesmo que virtualmente, de pessoas. A amizade tem um significado construído de acordo com o momento histórico, político e cultural e, além disso, cada ser pode elaborar um sentido individual para a mesma. Dessa forma, não existe um modelo de amizade correto, sendo o indivíduo responsável pela moldagem da relação em que ele está inserido e vivenciá-la de acordo com tal. Isso

também acontece nas relações amorosas, pois, assim como a amizade, cada relação amorosa possui características próprias e desencadeiam vivências que propiciam a elaboração de um sentido individual. Karnal (2018, p.37) constata que, seja qual for o cenário histórico, amizade requer tempo, já que “amigos demandam história, repertório de casos, vivências em conjunto”. Porém, atualmente, há pouco dispêndio de tempo nas relações, já que ele é gasto com outros estímulos próprios da contemporaneidade. Isso gera uma superficialidade nas relações uma vez que não se gasta o tempo necessário para seu aprofundamento. Vivemos cercados de pessoas, mas não necessariamente estabelecemos laços duradouros.

Curiosamente, a conectividade elimina ou diminui o contato com tudo que está próximo. Estamos preenchidos de pessoas virtuais e isolados de seres reais próximos. Um ônibus, especialmente se houver mais jovens a bordo, será uma fileira contínua de fones de ouvido, de aparelhos e de polegares nervosos saltando de tela em tela. Igualmente, há pouca chance de o nosso ser conectado prestar atenção à paisagem que se desenrola ou às pessoas sentadas ao lado. (KARNAL, 2018, p. 24)

As relações amorosas fazem parte do rol cotidiano dos homens, portanto, é considerada uma escolha geradora de angústia, além de demandar disposição por estabelecer uma relação íntima que não prescinde de um repertório de vivências (KARNAL, 2018). Não há uma outra metade idêntica que integralize meu existir, uma peça que me complete, mas há um encontro entre dois indivíduos únicos que compartilham de sua existência. Estar ciente dessa situação é prerrogativa necessária para não idealizar o companheiro e estabelecer relações pautadas no respeito, compreensão e comunicação. Mas é necessário, ainda, refletir sobre a aceitação do outro a partir das características que ele apresenta, por mais que nem sempre sejam agradáveis. Para isso o amor demanda disposição e autoconhecimento.

Na relação amorosa somos objetos de olhares, já que o outro nos objetifica (PERDIGÃO, 1995), e por isso queremos passar a melhor impressão possível para que sejamos agradáveis ao outro e reafirmar a própria visão de si. Nesse processo, há a idealização de um amor utópico, permeado pelo ideal romântico de almas gêmeas. Diante da percepção do outro, muitas vezes, existe a busca de sermos o que completa a falta dele. Porém, há de se considerar que não somos meros objetos, mas que somos constituídos de consciência, a qual está em constante metamorfose e que não pode ser analisada por um viés determinista (PERDIGÃO, 1995). Dessa forma a busca por um encaixe perfeito em outra pessoa torna-se inatingível, justo por sermos indeterminados,

mas, apesar disso, constantemente somos objetificados pelo outro, o que impede que ele nos olhe como uma forma espontânea de nossa consciência (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015). Contudo o pensamento não é passível de análise a não ser que seja expresso.

Retirando os componentes morais, o conteúdo da vergonha é o de que sou um objeto e constituído como tal pelo outro. Existo para ele e até para mim, mas não como pura espontaneidade. Como objeto, dependo ontologicamente de outra consciência ao experimentá-la, adquiro uma identidade que não me atribuí, antes de ser flagrado pelo olhar do outro, e que aparece a outra consciência. (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015 p. 57)

Nas redes sociais, torna-se possível construir uma imagem que agrada o outro, já que é possível a manipulação do ambiente virtual. Dessa forma torna-se simples fugir de situações desagradáveis ou vergonhosas que não atendam às supostas expectativas do outro. Porém, essa visão pauta-se na objetificação do outro, configurando-se como um olhar petrificado e recortado dele (PERDIGÃO, 1995). A partir de uma fala, um gesto de aprovação ou desaprovação, moldo-me para contemplar o lugar de amado ou aceito. Barata afirma que

O outro é como um buraco negro enquanto o tenho como meu objecto, mas um buraco negro que me sorve todo o domínio que tenho sobre o meu próprio mundo de possibilidades a partir do momento em que é dele que parte a atenção e em que sou eu que me deixo ser seu objecto de tematização (BARATA, 2008, p. 306)

Porém, ao tratar da percepção própria, é possível uma interpretação que não condiz realmente com o pensamento do outro. Assim, a ideia que eu tenho acerca do outro pensa sobre mim, não necessariamente é condizente com seu olhar verdadeiro. Especificamente no perfil de redes sociais, é possível tentar camuflar ou modificar minhas próprias características, de forma a limitar o que o outro tem acesso sobre mim. Barata (2008, p. 307) descreve que “pior do que a vergonha só a perda do sentido de vergonha”. O controle de manipulação que um indivíduo possui sobre suas redes sociais pode ser considerado como uma forma de poder sobre o outro, já que limita seu conhecimento sobre mim e influencia comportamentos. “O poder produz saber [...], não há relação de poder sem constituição correlata de um campo de saber, nem saber que não suponha e não constitua ao mesmo tempo relações de poder” (FOUCAULT, 2010³ apud BORDIN, 2014 p. 225)

As relações compostas por redes sociais podem provocar um adoecimento nas demais relações de um indivíduo, mesmo fora do meio virtual. Novas gerações nascidas

após os avanços tecnológicos tendem a ter maior dificuldade em relacionamentos interpessoais fora das plataformas tecnológicas. O crescimento exponencial do uso das redes na vida cotidiana é algo inovador – já que possui inúmeros benefícios – porém, pode causar adoecimento psíquico do ser, gerando situações como ansiedade social para se expor (principalmente no sentido de mostrar seus defeitos e anseios, geralmente ocultos em perfis de redes sociais). Na criação de um perfil em uma rede social não há a exposição do Ser de forma ampla, apenas um recorte imaginário delimitado pelo próprio indivíduo, pode ser considerado apenas uma casca sintética do real. O imaginário produzido pelo Ser é sedutor, pois foge do real e permite uma fuga do concreto, além de uma idealização do próprio ser (DUFOURCQ, 2010 apud CASTRO 2012). Muitas vezes a idealização do perfil não condiz com a realidade.

[...] a vida imaginária é uma ilusão perigosa que consiste em querer suprir a falta de ser não por um retorno ao Ser mesmo e ao real, mas pela criação de um pseudo mundo sem espessura, modelado por nosso desejo, distinto do mundo real e de outra natureza. As duas grandes teses que Sartre chega na "vida imaginária" são assim, de uma parte, que o imaginário é um irreal puro, que não existe um mundo imaginário [...] e, de outra parte, que a vida imaginária é uma fuga e aqueles que a preferem o fazem por ódio ao real, por medo de afrontar as resistências de uma transcendências efetiva [...] (DUFOURCQ, 2010 apud CASTRO, 2012, p. 146)

Através do meio virtual é possível mascarar-se e esconder os próprios defeitos a fim de facilitar a aceitação do outro. Através do perfil é possível esconder as referências que afetam a autoestima individual, mostrando um ser distante de seus defeitos e características autênticas. Moldar-se a partir do que o outro espera para seduzi-lo pode causar sofrimento psíquico, além de ser uma atitude que viola nossa espontaneidade. Há a possibilidade de se transformar em algo que não se é para satisfazer outrem, que futuramente pode vir a ser despido, gerando a descoberta da imagem autêntica que não corresponde à apresentada a priori. Nas redes o indivíduo pode escolher mostrar apenas como quer ser visto, apresentando-se com uma casca que, geralmente, não apresenta suas falhas imperfeições. Há uma atitude voluntária do usuário em se objetificar para a visão do outro, comumente a partir de uma padronização socialmente produzida. Entretanto:

essa forma de me ver através do outro não está correta ou completa. Apenas me vejo através de como vejo que o outro me vê, da forma que ele externaliza. Não posso conhecer como o outro me vê verdadeiramente. “Ele me vê exteriormente e eu assisto a isso do meu ponto de vista” (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015 p. 89)

É fato que a modernidade e o processo de globalização facilitam a interação entre indivíduos, porém, geralmente essas relações construídas pelos avanços tecnológicos não tendem a possuir laços fortalecidos e aprofundados (KARNAL, 2018). Possuem caráter primordialmente quantitativo, relegando a segundo plano a qualidade das relações estabelecidas, o que facilita, ainda mais, a utilização das caricaturas forjadas pelos usuários na ânsia da aceitação. Pelas características de superficialidade, fragilidade e inautenticidade as relações contemporâneas tendem a ser facilmente descartadas, já que não carregam sentidos densos em si (KARNAL, 2018). Esse processo afeta também as relações amorosas, já que essas também estão inseridas no mundo contemporâneo primordialmente virtual. Contudo, para elas há peculiaridades, que são demarcadas pelo grande número de aplicativos que se propõe ao fim de possibilitar encontros amorosos para as pessoas.

Muitas vezes as relações amorosas são permeadas pela má-fé, pois, na escolha de ser-para-outro (tentando apreender a liberdade do Outro) a pessoa acaba por responsabilizar o companheiro pelas escolhas que ela mesma tomou. Assim, ao modificar a imagem do eu para que se aproxime do que o outro pode gostar, o sujeito acaba por montar algo distante de sua própria realidade, vivendo em uma constante inautenticidade e possível má-fé (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015). Na tentativa de apossar-se da escolha do Outro, a pessoa pode formar um personagem que agrade ao seu amado, mas vir a culpabilizá-lo futuramente por isso.

Estar condenado à liberdade significa que não podemos deixar de escolher; mesmo não escolher é ainda escolher; neste caso, uma escolha alienada, quando o ser do sujeito está em poder dos outros é, mas ainda assim, uma escolha. (SCHNEIDER, 2011 p. 170)

A escolha de viver relações permeadas pela má-fé e pela inautenticidade leva ao adoecimento psíquico, situação que afeta a totalidade do sujeito. Além disso, essa situação causa impacto negativo na autoimagem, pois o leva a um distanciamento de sua própria realidade e à perda de sua individualidade com fins a seguir um padrão socialmente imposto.

A má-fé é considerada por Sartre (2014) o caminho mais fácil, e muitas vezes escolhido pelo sujeito, consiste em um mentir para si mesmo e por isso tem como consequência o adoecimento. Toda essa situação é intensificada com o surgimento de aplicativos que tornam fácil o manejo de meios de manipulação da imagem repassada por meio das redes sociais. Os perfis em aplicativos de relacionamentos são um

fenômeno novo, porém:

nesse movimento em círculo entre os amantes, ambos procuram a razão de eu ser ao consentirem tornar-se objeto para o outro. Ao desejarem isso, desejam, ao mesmo tempo, enfeitiçar o outro, convertendo-se em seu mundo. O outro deve ser posto como fonte dos valores. Se ele me ama, estou despreocupado quanto ao meu próprio valor, já que nele deposito a minha estima própria. Dessa forma, posso vir a colocar o outro como a referência para todos os valores, converto a moral em uma medida dada pelo que o outro me exige e pelo que exijo dele. (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015, p.92)

Através das redes sociais, encontramos uma nova forma de existir na sociedade contemporânea e de ser visto pelo outro, o que, segundo Ferreira e Amaral (2017, p.36), têm acarretado surgimento de novas subjetividades, já que “são nas redes sociais, onde o indivíduo vem se posicionando com o que é, ou aquilo que anseia ser”. A vida profissional ocupa a maior parte do tempo cotidiano contemporâneo e, por isso, as relações são, geralmente, relegadas a segundo plano. Nesse contexto, dispositivos tecnológicos que se proponham a deixar as formas relacionais mais céleres tornam-se os principais intermediários na relação com o outro, fazendo com que o meu existir para o outro se dê primordialmente a partir deles. Além disso, mesmo que sobre tempo, geralmente ele é utilizado para obtenção de satisfações instantâneas, o que corrobora a premissa anterior. É possível notar certa efemeridade nas relações, já que há pouco interesse e disposição em construir laços.

Ferreira e Amaral (2017) defendem que o crescimento das relações em ambientes virtuais está fundamentado na forma prática, imediata e segura que esse tipo de ambiente fornece. Além disso, através das tecnologias pode-se mascarar o que não gosto em mim, os motivos de minha baixa autoestima ou o que não aceito em mim mesmo, nesse momento estou escolhendo ser-para-outro. Segundo Erthal (2004, p.77), a autoestima é a “parte afetiva do self”, que envolve o sentimento de contentamento do sujeito consigo mesmo. Dessa forma, o controle de tempo e espaço, garantido por essas ferramentas, possibilita que uma baixa estima seja mascarada, em atitudes de inautenticidade. Assim, ao escolher ver-me como feio(a), burro(a), baixo(a) e gordo(a), através das plataformas virtuais posso me fazer ser visto(a) como bonito(a), esbelto(a), inteligente e magro(a). Na escolha de ser-para-outro (que engloba a tentativa de mascarar um eu pouco estimado), busco capturar a liberdade do Outro.

Percebe-se que nas plataformas virtuais encontra-se o necessário para solucionar o dilema do porco-espinho, nascente a partir da relação com o outro. Isso ocorre pois as relações virtuais são facilmente controladas pelos envolvidos. Escolho quando quero,

quando não quero, quem quero e quem não quero; afasto-me ou me aproximo quando e como quero; posso bloquear, deletar, ignorar e ter soberania. É possível, ainda, dosar o contato com certa pessoa, podendo, inclusive, cortar completamente a existência virtual dela na minha rede de contatos. Essas possibilidades de controle são mais dificultosas nas relações físicas, pela ausência de uma tela que me permita esconder minha real imagem. Contudo, essa sensação pode seduzir os indivíduos e fazer com que eles se afastem do mundo real, utilizando a esfera virtual como refúgio dos espinhos deste mundo. Os autores afirmam que

Os sites de redes sociais providenciam o controle do sujeito sobre as relações, de maneira que é possível “lapidá-las”. Em conversas online, escritas, as pessoas editam seus pensamentos, de maneira a escrever somente o que é conveniente, ou seja, uma apresentação controlada de nós mesmos (SCHIAVI E LORENTZ, 2016, p. 137)

Nesse sentido é comum responder com afastamento à situações que geram incômodo, desapontamento ou não correspondências às expectativas (KARNAL, 2018). Isso sugere a escolha do ser livre de não se engajar ou se aprofundar em uma relação. Nas redes, responder ou ignorar, aceitar ou recusar uma pessoa estão diretamente ligadas ao meu querer, justo pela facilidade de cortar laços ou criar aproximações. Isso é a materialização da constituição do sujeito contemporâneo individualista, que busca, na relação com o outro, alcançar satisfação individual (KARNAL, 2018). A angústia ocorre tanto no ambiente real como no virtual (conforme já explanado anteriormente), mas neste ocorre de forma mais intensificada por ser alimentada pela má-fé sartreana – em que o ser prefere negar sua liberdade para se comportar como objeto diante do outro (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015).

Segundo Karnal (2018) a busca incessante pela felicidade surgiu no renascimento, já que este defende a noção de felicidade como escolha individual. Entretanto, apesar da extrema felicidade estar estampada nas redes sociais, há um crescente número do uso de medicamentos contra depressão e um aumento significativo na quantidade de suicídios. Segundo Christante (2010), a partir de dados da OMS, o aumento de mortes por suicídio do final do século XIX até 2010 foi de 60%, sem considerar astentativas, que ultrapassam 20 vezes esta estimativa. A partir disso, vê-se que o sofrimento psíquico (expressos a partir de depressão, ansiedade, etc.) está presente na sociedade, por mais que a superficialidade manipulada das redes sociais apresentem um quadro onde tais sofrimentos são quase inexistentes. Todo esse quadro psíquico permite perceber a influência das malhas tecnológicas no aumento de relações

inautênticas e líquidas (KARNAL, 2018); e suas influências na construção da subjetividade do indivíduo.

O modo capitalista de vida, com perenes marcas consumistas, reforça o ideal de quantidade *versus* qualidade, uma vez que prega a felicidade como atrelada às conquistas materiais. Sendo o para-si uma falta, busca-se sempre um projeto a totalizar meu para-si-em-si (PERDIGÃO, 1995). Segundo Erthal e Veríssimo (2015) essa falta pode se manifestar na forma do consumismo aplicado às relações, caracterizando uma multiplicidade de relações, por mais que elas não tenham qualidade ou não sejam expressão da autenticidade.

Atualmente, vive-se numa sociedade consumista cuja característica é a utilização e o descarte imediato de bens, a fim de abrir espaço para outros bens. A satisfação instantânea passou a ser a resposta atual a tudo o que se experiencia, e, no amor, isso não é diferente. (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015, 137)

Um indivíduo que busca meramente a quantidade é fadado a viver relações incompletas, fracassadas e deficientes, o que o leva à procura de mais relações quantificadas, a fim de atingir um prazer imediato através destas (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015).

A designação “qualidade” para uma relação tem a ver com busca de encontro que, por sua vez, implica diálogo, lidar com as diferenças, empatia. A quantidade busca evitar o encontro através de paliativos, desespero por segurança, evitação de riscos, negação da angústia e do sentido que está abrigado pela existência de cada um, que reza: existir é engajar-se. (ERTHAL e VERÍSSIMO, 2015, p.138)

O ser tende a procurar no outro um preenchimento que falta em sua própria existência, porém no ambiente virtual esse movimento é mais latente e exposto, pois a intencionalidade é compartilhada através das ferramentas da rede. Isso gera uma tendência do ser em não entrar em contato com sua própria consciência e a intencionalidade envolvida nas vivências do mundo virtual, já que sua imagem está voltada ao outro e se constrói nesse espaço, geralmente, sob forma utópica para o espaço físico. A partir disso, constrói-se uma imagem, muitas vezes idealizada, voltada à correspondência das expectativas do outro (de um para-outro), processo viabilizado pelas ferramentas disponibilizadas pelas redes sociais. Nessa dinâmica, percebe-se a dissimulação do eu-real. Segundo Erthal (2004, p.72) “a autoidealização geralmente implica numa autoglorificação e dá ao indivíduo a sensação de um ser superior em

comparação com as outras pessoas”. É desta maneira que as redes fornecem o necessário para fazer com que o indivíduo seja visto da forma como ele se idealiza, como deseja ser. Nesse contexto, ao formarem-se relacionamentos através das redes sociais que permeiam também o espaço físico, proliferam-se relações conflituosas descartáveis e pouco duradouras, que levam, inclusive, ao adoecimento do ser.

Um olhar para o amor em tempos de redes sociais

As relações amorosas são influenciadas pelos avanços tecnológicos. Diminui-se o contato cara a cara e a comunicação passa a ser, na maior parte do tempo, via redes tecnológicas. Muitos relacionamentos, inclusive, iniciam através destas. A necessidade de conferir eficiência ao tempo, já que ele é ocupado em sua maioria pelo trabalho, juntamente com o crescimento da individualidade, incentivaram o desenvolvimento de aplicativos para o contato à distância. Há aplicativos com diversas funcionalidades, inclusive os que se prestam a criar relacionamentos entre indivíduos, como o Tinder.

O Tinder começou a ser formulado em 2012 por estudantes da Universidade do Sul da Califórnia, e em 2014 atingiu a marca de 100 milhões de usuários (TAGIAROLI, 2018). No aplicativo, o perfil do usuário consiste em uma descrição opcional e fotos. O objetivo é selecionar pessoas compatíveis com o interesse do usuário a partir dessas informações mínimas. Justo pela característica da pouca descrição, torna-se fácil utilizar a má-fé sartreana e a inautenticidade, pois quanto mais me faço ser-visto, mais difícil torna-se manter esse personagem.

O amante passa a tentar manipular a consciência do outro através de atitudes, gestos, vestimentas, características que viriam a agradar ao outro. Mas acaba assim, manipulando a si mesmo ao mesmo tempo que busca manipular o outro, pois passa a agir de má-fé (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015, p. 88)

Ao utilizar o Tinder, a sensação de ser aceito (ou pelos termos do aplicativo, dar “match”) tende a produzir bem-estar no usuário, por mais que a aceitação tenha sido por conta da imagem idealizada que se construiu por meio do aplicativo. Essa dinâmica de objetificação e aceitação pode gerar comportamento vicioso, que leva o indivíduo a uma constante busca de repetição dessa sensação. Considerando que nas relações pessoais reais há maior humanidade e, portanto, há diferenciação na lidecom o outro – quando considerada em relação ao aspectos virtuais –, os aplicativos podem promover uma distorção da realidade concreta. Por conta disso, e pelas demais características da virtualidade já citadas anteriormente, relacionamentos mediados por aplicativos

podem se tornar mais atraentes às pessoas do que às vivências em um ambiente real (que não dá bases para manipulação do real).

Além da forma de relação como um todo, as inovações tecnológicas alteraram também as formas de jogo amoroso e sedução, descritas por Erthal e Veríssimo (2015). Nesse sentido fotos, vídeos e conteúdos criados e compartilhados constituem o estar diante do outro, sendo a partir disso que o ser se constitui e pode escolher uma autoimagem (autêntica ou não). Erthal (2004, p. 72) aponta que “a imagem que o indivíduo cria de si mesmo determina os comportamentos que desenvolve”, e por isso é através dela – também chamada de projeto original – que escolhe como se vê e como quer ser visto. Esse processo é forjado pela relação com o mundo e pela cultura. É algo construído na relação dialética entre sujeito e mundo, que visa completar a falta do ser. É através de sua autoimagem que ele irá realizar outras escolhas, a partir dessa escolha de si. Contudo, a liberdade reside em nossas escolhas, e, por isso, estas devem ser feitas reflexivamente a partir da autoimagem, uma vez que não existe ação sem motivo (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015). A falta a ser preenchida não está nas situações mundanas, de um em-si, mas vem do para-si, que busca preencher algo para-si, a partir de uma visão e reflexão própria constituída a partir de vivências individuais. Logo, cada situação tem um sentido individual e a minha busca ou não de preencher uma falta é fundamentada por isso. Tal falta é constituída a partir do projeto. (SARTRE, 2014). Assim, quando há coerência entre minha autoimagem e minhas escolhas, entre o eu-real e o eu-ideal, há autenticidade (ERTHAL, 2004).

Entretanto, há a possibilidade de uma escolha de si inautêntica, muitas vezes apoiada no olhar do Outro, isso por que o meu olhar sobre mim mesmo passa primeiramente pelo outro (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015). É válido ressaltar que, apesar dessa necessidade de construção da minha autoimagem pela objetificação do outro, o sujeito ainda é responsável pelo que é, devendo escolher, ou não, se ver a partir do olhar do outro. Para recusar o perfil que o outro define para mim através de seu próprio olhar, é necessária consciência reflexiva (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015). Nessa primeira identidade aferida pelo outro sobre mim “vejo-me como estimo como o outro me vê” (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015, p. 63), é uma escolha alienada, onde o indivíduo distancia-se de suas possibilidades de liberdade e passa a escolher ser para-outro e a se reconhecer como ele o vê. Esse processo pode ocorrer a partir da angústia, já que o homem é responsável pelas suas escolhas e não tem nada em que se apoiar a não ser em si, pois, sendo o para-si sustentado pela liberdade.

Estou condenado a existir para sempre além de minha essência, além dos móveis e dos motivos de meu ato: estou condenado a ser livre. Isso significa que não se poderia encontrar para a minha liberdade outros limites senão ela mesma, ou, se prefere, não somos livres de cessar de ser livres. [...] O sentido profundo do determinismo é o de estabelecer em nós uma continuidade sem falha da existência em si. [...] Mas em vez de ver transcendências postas e mantidas no seu ser por minha própria transcendência, supor-se-á que as encontro surgindo no mundo: elas vêm de Deus, da natureza, da ‘minha’ natureza, da sociedade. [...] Essas tentativas abortadas para sufocar a liberdade sob o peso do ser – elas desmoronam quando surge, de repente, a angústia diante da liberdade – mostram bastante que a liberdade coincide no fundo com o nada que está no coração do homem. (SARTRE, 2016, p. 515-516)

Assim, a angústia acompanha a liberdade na existência do ser humano. Definir-se Em-Si através do Outro completa o Para-Si-Em-Si que o ser busca, pois, de acordo Perdigão (1995) o Outro é capaz de fazer por mim o que eu não sou capaz de fazer: me ver como objeto. “Não posso ser sujeito de mim mesmo e, simultaneamente, objeto para mim mesmo, porque o objeto é por natureza aquilo que não sou” (PERDIGÃO, 1995, p. 144). Perdigão (1995) aponta que o Para-Si-Em-Si que buscamos só é possível no olhar do Outro, pois, “O Outro, que me constitui como sujeito-objeto, possui aquilo que me falta para totalizar meu Ser” (PERDIGÃO, 1995, p. 145). Sendo assim, a escolha de ser-para-outro, é uma tentativa de fuga da liberdade, que conseqüentemente está fadada a falhar.

Estamos condenados a ser livres, já que não há opção de não nascer nesse espaço previamente existente e que já está ocupado pela presença do outro; dessa forma reconheço que não sou objeto universal da existência (SARTRE, 2014). O outro interfere na minha liberdade, tornando-a situada, processo que se torna intrínseco na formação da autoimagem (PERDIGÃO, 1995). Segundo Erthal e Veríssimo (2015, p. 65) “O outro me aliena de minhas possibilidades, com o seu olhar que a cada instante me olha, sem repouso, na angústia de um nada que se insere na minha liberdade, antes desavisada e desprevenida”.

A existência num mundo já preenchido por outros leva os indivíduos a procurar ser visto por esses, e é nessa ânsia que o indivíduo contemporâneo utiliza as redes sociais. Situações como a necessidade do imediatismo, da praticidade na interação e a sensação de proximidade controlada leva ao aumento da procura de relacionamentos amorosos por meio da esfera tecnológica. Isso porque tais ferramentas possibilitam maior controle da comunicação e a sensação de segurança – que, geralmente, mascara uma baixa autoestima. Ou seja, nas relações amorosas permeadas pelo mundo virtual

também se percebem formas de relacionamento inautênticas. As redes sociais compartilham com o usuário padrões e modelos a serem seguidos na vida cotidiana, seja relacionado à beleza, ao comportamento, ao estilo de vida ou ao sucesso. Esse cenário pode reforçar comportamentos de manipulação dos perfis em redes sociais a fim de obedecer a tal padrão, demonstrando uma exteriorização do eu-ideal-para-outro.

Nas relações amorosas a baixa autoestima pode estar presente nos envolvidos, levando-os a escolher ser-para-outro. Isso ocorre pois é difícil assumir a responsabilidade de ser quem se é ao deparar-se com a angústia, sendo mais viável parecer-se com o que os outros esperam que se seja. Contudo, essa dinâmica pode afastar o sujeito de sua autenticidade (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015), ele passa a agir – em sua rotina, modo de vestir-se, estilo de vida e comportamento – direcionado àquilo que o outro espera.

Entretanto, Perdigão (1995) afirma que não apreendemos o olhar do Outro como realmente é, considerando que devido à alteridade de consciência, apreendemos o em-si do Outro, ou seja, aquilo que acreditamos que o outro vê em nós, e não como ele verdadeiramente nos vê. Assim, ao vivenciar uma ação do Outro direcionada a mim, que me faça interpretar como sendo um olhar de julgamento ou não aceitação, posso optar por alterar minha imagem para que vá ao encontro com aquilo que eu acredito fazer parte de uma preferência do outro, situação que é facilitada pelos meios virtuais de relacionamento. Antes de me petrificar, assalto a liberdade do outro, moldando-me em algo que venha a ser aceito por ele, resultando no conflito de liberdades. Não somos vistos como uma forma espontânea de nossa consciência, o olhar do outro é revestido por nossas ações mediadas pelo corpo. O pensamento não é passível de análise a não ser que seja expresso, devido à alteridade de consciências.

Retirando os componentes morais, o conteúdo da vergonha é o de que sou um objeto e constituído como tal pelo outro. Existo para ele e até para mim, mas não como pura espontaneidade. Como objeto, dependo ontologicamente de outra consciência ao experimentá-la, adquire uma identidade que não me atribuía, antes de ser flagrado pelo olhar do outro, e que aparece a outra consciência. (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015,p.57)

Segundo Erthal e Veríssimo (2015), no jogo amoroso, podemos também fazer uma tentativa de apreender a liberdade do Outro, não no sentido de dar ou tirá-la, mas de ser o seu limite, (uma escolha absoluta), pois assim a pessoa passa a ter algum valor, passa a ser algo, configurando-se como uma tentativa de completar-se. Busca-se ser o mundo do amado, completar sua falta através do companheiro, sendo para-outro para ser

amado.

O amante pode consentir em ser um objeto para o amado, reafirmando uma suposta “consciência” que o amado teria dele. [...] Nem o amado nem o amante podem conhecerem que se passa “na cabeça” um do outro; como diz o senso comum. Para Sartre, eles não podem penetrar dentro do outro; é o que ele chama de separação ontológica. [...] Nesse jogo de sedução esconde-se, assim, a própria liberdade, escravizando-se para poder escravizar o outro. [...] O conflito toma parte na existência diária porque a batalha das consciências visa retribuir a liberdade perdida frente ao olhar judicativo do outro. É uma rede em que a maioria de nós se vê aprisionada. [...] Com o medo de ser escravizada, uma pessoa escraviza e sente, por alguns momentos, que é livre. Nesse sentido, as relações são formas de tentar captar a liberdade do outro, pois somos o limite da liberdade alheia. (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015, p. 87-110)

Moldando-se em um formato que supostamente agradaria ao outro, o indivíduo passa a manipular as escolhas de quem deseja, através de atitudes nas áreas virtuais previamente planejadas e editadas para corresponder a certa intencionalidade. Estas atitudes podem se manifestar através de fotos editadas, mensagens, perfis altamente controlados e até vídeos compartilhados, todos direcionados para o modo que o sujeito acredita que o outro deseja. Dessa forma, buscamos fazer o outro nos escolher através da manipulação das redes. Contudo, esse processo acaba por reverter-se ao próprio sujeito, pois ao passo que tenta controlar o outro acaba-se “escravizando-se para poder escravizar o outro” (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015, p.87), situação que revela uma atitude de má-fé, já que esconde e nega a própria liberdade do sujeito para ser-para-outro (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015). Engana-se o outro, mas no processo o sujeito também se engana, levando a um distanciamento do eu-real e autêntico do indivíduo. É válido lembrar que esse processo, normalmente, ocorre em ambos os sujeitos da relação. Estou presente na nidação do outro em relação a mim como objeto em que sou captado, um objeto em ato que me descreve naquele momento, e não no processo de vir-a-ser constituído pela consciência reflexiva diante do meu projeto. O olhar do outro é constituído de intencionalidade, composta por contingências de sua interação sócio-histórica (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015).

Ser-Para-outro significa que reconheço que sou como o outro me vê. Para-si se reconhece mediado pelo olhar do outro, através do qual se sente surpreendido o tempo todo. Surpreendido, haja vista a visada de si, ou seja, a vista de si a partir do olhar do outro. Esse estar diante do outro não quer dizer, necessariamente, uma presença de outrofactual, “aqui e agora”. Estar sob o olhar do outro é estar em *perspectiva de*, o intencional é temporal, ou seja, radica-se numa biografia articulada à inscrição sociocultural desse sujeito. (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015, p. 59)

Dessa forma, no conflito entre as intersubjetividades, não há vitória (ERTHAL E VERÍSSIMO, 2015), pois nas relações constituídas pela má-fé nega-se a condição humana de liberdade, descrita por Sartre (2016). A escolha do ser por dissimular sua imagem real em busca de satisfazer as expectativas que acredita que o outro tem, acaba por afastar o indivíduo de seu ser autêntico, situação facilitada pelas redes sociais. Nesse processo, eu sou objeto para o outro, ao mesmo tempo que o outro é objeto para minha consciência (SILVA, 2009), gerando conflito na relação entre as intersubjetividades dos sujeitos envolvidos. Há uma problemática nisto, pois há ausência, parcial ou total, de reflexão sobre o outro, gerando totalização da percepção que tenho do outro. Dessa forma o defino e nego sua liberdade e sua capacidade de transcender para além do olhar momentâneo. Logo, para longe do sucesso de uma relação autêntica, saudável.

O conflito causado pela falta de reflexão pode ser amenizado pela alteridade no olhar para o outro, possibilitando aceitar a reciprocidade da relação de forma a não caracterizar o outro a um mero objeto factual, mas um sujeito consistido de liberdade e possibilidades. Compreender o outro e aceitá-lo como ser transcendente, que se encontra em um processo de vir-a-ser em constante transformação e, dessa forma, não se limitar nem limitar o outro.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da instauração da teoria fenomenológica e suas ideias por Husserl, Sartre desenvolveu seu pensar a respeito do outro e do processo no qual os seres estão ligados à má-fé e à liberdade. Sartre afirma que fazemos escolhas perante os outros. A intersubjetividade possibilita a comunicação entre os indivíduos, construída na relação do Para-si e Para-outro. No processo intersubjetivo o Outro me vê, objetifica-me e me define, o que muitas vezes pode ser doloroso, pois sou visto como um objeto determinado, acabado, negando minha característica de ser de possibilidade e de poder de ação. Por isso, considerando o conceito de liberdade situacional e as possibilidades de escolha individual, não há como afirmar que somos reféns do olhar do outro na constituição de nossa imagem, mas o outro, através da minha objetificação, influencia na constituição da minha imagem. Somos seres objetificados mas também ativos no processo de individualização de nossa existência.

Nota-se um crescente adoecimento no mundo contemporâneo, dificultando a manutenção de relacionamentos, principalmente pela constituição baseada, prioritariamente, na má-fé e na inautenticidade. Ao criarmos um personagem

manipulado expomos ao mundo o que condiz com a ideia par ideal, afastando-nos de nossa própria liberdade e das possibilidades de escolha autênticas. Voltamos, grande parte, da nossa existência para o outro, intensificando a angústia relacionada à liberdade. O indivíduo se faz para-Outro, molda-se conforme o esperado pelo Outro, conseqüentemente podem existir frustrações e fracassos na relação. Entretanto, por não vermos a infelicidade com olhos de aceitação, passamos a expor as relações como perfeitas nas redes, por mais que não sejam.

Embasado nas reflexões de Em-Si e Para-Si, somos objetos e consciência, porém, não somos seres totalizados e sim estamos diante de um processo de vir-a-ser. Heráclito, considerado o pai da dialética, afirma que nada é permanente, tudo está receptivo à mudança, de forma contínua. Segundo Erthal e Veríssimo (2015, p.53) “De modo diverso, o existente (Para-Si) é contingente: se ‘sou’ de maneira agora, não quer dizer que sempre tenha sido assim, muito menos que vá ser tal como sou hoje no futuro. Não está escrito nas estrelas uma linha de causalidade para o existente”. Ao determinar um papel e um lugar para a imagem do outro e para a própria, há a restrição da liberdade e das possibilidades envolvidas (tanto no outro, quanto em mim), já que há a objetificação e direcionamento da imagem do indivíduo a uma percepção constituída de intencionalidades.

O que leva as pessoas a buscarem se relacionar por redes sociais é a praticidade, pois através dos recursos tecnológicos há ampliação das possibilidades para o relacionar-se do ser contemporâneo, situado em uma realidade que lhe demanda tempo e imediatismo. No meio virtual, é possível escolher quando e como interagir, situação que não ocorre com tanta plenitude nas relações face a face, possibilitando um controle da relação. Há uma segurança ilusória no contexto da intersubjetividade, mas que limita as possibilidades do ser. A característica da ilusão, atribuída ao controle citado, advém do fato que a relação é filtrada por recursos imediatistas e manipulados, o que gera mera sensação de poder sobre o outro.

As divergências entre o mundo real e o virtual podem gerar choque no indivíduo quando percebe que o outro não é exatamente como no perfil que ele ostentava, podendo advir sensações e sentimentos de falso conhecimento e frustração. Isso ocorre, principalmente, pois nas relações reais não há muitos recursos para filtrar ou manipular a realidade, situação que causa angústia e desespero perante à relação. A angústia surge pois os mesmos mecanismos utilizados para adentrar na relação, quais sejam a liberdade e a possibilidade de escolha, deverão, também, permear a quebra dela.

É válido ressaltar que, apesar do mundo virtual potencializar as possibilidades de relações pautadas nos moldes descritos ao longo do trabalho, é possível estabelecer relações que se fundamentam na autenticidade; situação que deixaria a completude do ser mais exposta e possibilitaria a quebra na idealização do outro, o que, por fim, acabaria por gerar fortificação nas relações.

As discussões feitas ao longo do trabalho, permitem a reflexão sobre a forma como as redes sociais são e podem ser utilizadas na interação entre indivíduos. Nesse sentido, relações permeadas por má-fé e inautenticidade podem gerar maior adoecimento psíquico do que as providas por autenticidade. A problemática proposta não diz somente sobre o uso das redes, já que elas apresentam vários pontos positivos (como aumentar a possibilidade de contato entre pessoas distantes), mas como essas ferramentas podem reforçar e facilitar atitudes de má-fé e como isso afeta as relações e o próprio ser. Todo esse cenário pode ser reforçado pela construção de uma subjetividade que não se baseie na consciência reflexiva, em especial por conta dos diversos estímulos propostos para o ser fluído e desenraizado. Isso, por sua vez, gera uma não-reflexão sobre as vivências e sobre a nossa constituição a partir delas, inibindo o autoconhecimento. Através de uma consciência reflexiva podemos construir modos de vida mais autênticos e que nos permitem vivenciar relações amorosas mais sinceras.

Compreende-se que as limitações deste trabalho podem ser elencadas em diferentes pontos. Há uma limitação por um recorte temporal e em um fundo de mundo pintado por uma sociedade “americanizada”, tocada por uma cultura permeada pelo uso de dispositivos eletrônicos e redes sociais onde se tem fácil acesso por toda ou grande parte da sociedade a estes, assim como o uso que esse recorte de sociedade faz destes dispositivos em suas relações é construído a partir dessa cultura. Trabalhos posteriores podem ser debruçados sobre outras diferentes culturas e como estas se desdobram diante do uso das tecnologias que viabilizam as relações amorosas. A limitação temporal se refere às redes estarem em constante atualização, e, portanto, impactando de diferentes formas as relações a cada nova possibilidade de existir através das redes sociais. Por este trabalho ter sido construído em um momento anterior à vivência da pandemia, compreende-se que as maneiras de se relacionar, no geral e também afetivo-amorosas, foram significativamente tocadas por esse acontecimento histórico, devido ao grande impacto social e subjetivo, o que também é deixado como possibilidade de elucidação futura. Apesar de esta não ser a centralidade da ciência fenomenológica, dados estatísticos trazem uma maior dimensão vivencial para algumas reflexões, e poderiam

ter sido mais explorados no trabalho, o que não aconteceu devido às discussões tomarem rumos mais teóricos. O *catfish* não foi discutido neste trabalho devido à prazos e limites de apresentação do artigo, o que poderia ter ampliado as discussões, sendo importante um olhar fenomenológico-existencial para sua compreensão visto que é um fenômeno que tem se tornado comum atualmente nas redes sociais.

REFERÊNCIAS

BARATA, A. **O Outro e a relação:** O contributo das fenomenologias da intersubjectividade. *Phainomenon*, n. 16-1, p. 295-314. 2008. Disponível em:

<<http://phainomenon-journal.pt/index.php/phainomenon/article/view/181/144>> Acesso em: 07 set.2019.

BORDIN, T. M. . **O Saber e o Poder:** a contribuição de Michel Foucault. *Saberes (Natal)*, v. 1, p.225-235, 2014.

CASTRO, F. G. **Estudos de Psicanálise:** vol. 1. Curitiba: CRV, 2012.

CHRISTANTE, L. Com Saída. **Unespciência.** p. 30-34, out. 2010. Disponível em: < <https://www.unesp.br/aci/revista/ed13/com-saida>> Acesso em: 11 set. 2019.

ERTHAL, T. C. S. **Psicoterapia Vivencial:** Uma Abordagem Existencialista em Psicoterapia. São Paulo: Livro Pleno, 2004. 229 p.

ERTHAL, T. C. S. **Trilogia da Existência:** Teoria e Prática da Psicoterapia Vivencial. Curitiba: Appris, 2013. 407 p.

ERTHAL, T. C. S; VERÍSSIMO, L. J. **Sobre o amor, a paixão, o olhar e as relações humanas:** diálogo com Sartre e o humanismo. Curitiba: Appris, 2015. 204p.

FERREIRA, G. A; AMARAL, A. F. Rede sociais: Influências na construção da subjetividade do indivíduo. **Psicologia Saúde e Debate**, v. 3, p. 36-37, nov./2017.

FERREIRA, G. C. **Redes Sociais de Informação:** uma história e um estudo de caso. *Perspectivas em Ciência da Informação*, v. 16, n. 3, p. 208-231, jul./set. 2011.

GERHARDT, T. E; SILVEIRA, D. T. **Métodos de Pesquisa.** Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Rio Grande do Sul. 2009.

Disponível em: <<http://www.ufrgs.br/cursopgdr/downloadsSerie/derad005.pdf>>. Acesso em: 12 set. 2019.

KARNAL, L. **O Dilema do Porco-Espinho:** Como encarar a solidão. São Paulo: Planeta do Brasil, 2018. 192 p.

PERDIGÃO, P. **Existência e Liberdade**: Uma Introdução à Filosofia de Sartre. Porto Alegre: L&PM,1995. 294 p.

PORTELA, M. A. A crise da psicologia clínica no mundo contemporâneo. **Estudos de Psicologia**. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n1/a13v25n1.pdf>>. Acesso em: 06 set. 2019

SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um humanismo**. Rio de Janeiro: Vozes de bolso, 2014. 62 p.

SARTRE, J. P. **O Existencialismo é um Humanismo**. São Paulo: Editora Vozes, 2014. 84 p.

SARTRE, J. P. **O ser e o Nada**. São Paulo: Editora Vozes, 2016. 784 p.

SCHIAVI, A; LORENTZ, M. Sites de Redes Sociais na Contemporaneidade: Percepções dos Usuários Sobre Emoções, Vivências e Relações. **Revista de Psicologia da IMED**. Disponível em: <<https://seer.imed.edu.br/index.php/revistapsico/article/view/1207/1035>>. Acesso em: 30 abr. 2019.

SCHNEIDER, D. **Novas perspectivas para a psicologia clínica**: Um estudo a partir da obra Saint Genet: comédit et martyr de Jean-Paul Sartre. Tese de doutorado não publicada.

Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. São Paulo, SP.

SILVA, A. A. Os caminhos da intersubjetividade. Primeiros estudos, v. 1, n. 1, p. 33-46, 2009.

TAGIAROLI, G. **Brasil tem 10 milhões de usuários do Tinder; criador explica o sucesso do app**. 2018.

Disponível em:

<<https://www.uol.com.br/tilt/noticias/redacao/2014/04/23/brasil-tem-10-milhoes-de-usuarios-do-tinder-criador-explica-sucesso-do-app.htm>> Acesso em 30 jul. 2019.

VERÍSSIMO, L. J; ERTHAL, T. C. S. **Sobre o amor, a paixão, o olhar e as relações humanas**: diálogo com Sartre e o Humanismo. Curitiba: Appris, 2015. 204 p.

WRATHALL, M.A; DREYFUS, H.L [orgs]. **Fenomenologia e Existencialismo**. São Paulo: Loyola, 2012. 542 p.

ZAHDI, G. **Como surgiram as mídias sociais?** 2015.

Disponível em: <http://www.agenciamkb.com.br/novo/como-surgiram-as-midias-sociais/>. Acesso em: 11 mai. 2019

UNA MIRADA A LA PSICOLOGÍA FENOMENOLÓGICA-EXISTENCIAL SOBRE LAS RELACIONES DE AMOR EN REDES SOCIALES

Resumen: Las formas actuales de relacionarse van más allá del mero contacto cara a cara. El individuo contemporáneo, con un estilo de vida acelerado, busca existir en un mundo virtual que le brinde conexión en cualquier momento y en cualquier lugar. Donde el espacio y el tiempo no son límites para la comunicación, las relaciones se han formado a partir de aplicaciones, redes tecnológicas, causando una transformación en la forma de ser del ser humano. Este artículo busca dilucidar estas transformaciones y cómo afectan las relaciones del sujeto contemporáneo, desde una mirada fenomenológica-existencial al proyecto del ser. A partir de una revisión de la literatura, contextualizamos el surgimiento de las redes sociales y el individuo actual, y cómo se relacionan entre sí al producir una nueva forma posible de relacionarse con amor.

Palabras clave: Redes sociales; Autenticidad; Relaciones.